
A ESCRITA
DERRAMADA
— DE —
GRACILIANO
RAMOS

Sobre as cartas
de amor a Heloísa

Cid Seixas



[linguagens.ufba.br/2021/
cartas-graciliano.pdf](http://linguagens.ufba.br/2021/cartas-graciliano.pdf)

– Se não te agradam sentimentos tão excessivos, mata-me. Mas não me mates logo: mata-me devagar, deitando veneno no que me escreves.

A letra de um tango, ou de um samba canção, cantado por Gardel ou por Nelson Gonçalves não seria mais plangente e dramática.

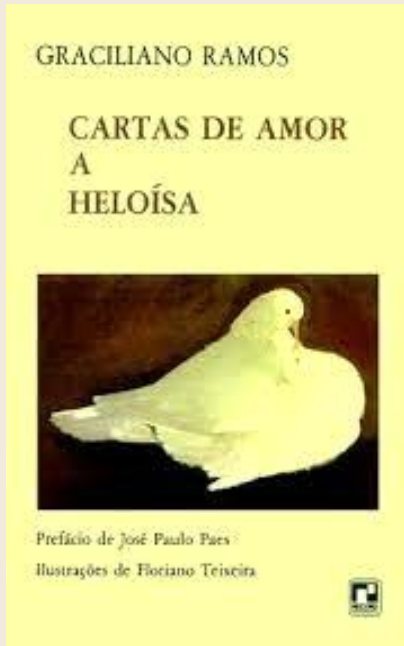
– Vê se me arranjas um colete de forças por causa de minha loucura.

– *Devo repetir-te que te amo como um doido?*

– *Santo Deus! Vais chamar-me novamente romântico. Pieguices! Mas por que imaginas que o que te escrevo é falso? Não pensas o que disseste. Sabes perfeitamente que me tens preso – e brincas comigo como se eu fosse um miserável animal que uma criança amarra com um fio.*

* * *

A escrita seca e cortante, a frase curta e precisa são características associadas pelo leitor atento ao nome de Graciliano Ramos. Estes traços também são estendidos ao caráter do escritor e do homem. Não esqueçamos que a similaridade entre o homem e o estilo da sua narrativa de ficção foi constituída desde que o leitor do romancista tomou conhecimento do seu relatório quando prefeito de Palmeira dos Índios. Polarmente oposto a todo documento desta natureza, o rela-



tório que Graciliano apresentou em 1929 ao Governador do Estado, além de incisivo, revela um homem cuja objetividade do dizer confunde-se com a secura mordaz. Ele não faz nenhuma concessão ao interlocutor. Pelo contrário, provoca-o desconcertantemente.

Quando lemos as crônicas publicadas na imprensa de Alagoas, desde a segunda década do século XX, também vamos encontrar o mesmo sujeito resmungão.

Graciliano começa sua coluna no jornal de Palmeira dos Índios espetando o leitor; ironicamente apontando suas mazelas. Ao invés de sussurrar ao ouvidos das leitoras, puxava suas orelhas, às vezes, reclamando que estavam sujas. Este é o jeito de Graciliano Ramos.

* * *

Mas, no mesmo ano de 1928, ele aparece com uma escrita adocicada, feita de plumas, entrecortada por flechas, ou deramada de paixão. São as cartas escritas a Heloísa. Embora visceralmente ligadas ao mesmo estilo direto e agressivo, elas aparecem acolchoadas por almofadas de delicadezas, adocicadas pelos arrulhos amorosos do apaixonado missivista. São sete cartas de amor que o viúvo e pai de quatro filhos Graciliano, então com trinta e cinco anos, escreve à jovem Heloísa, de apenas dezoito anos.

Estas cartas têm de tudo que qualquer carta de amor tem direito a ter. La-

múrias, afagos, fúrias ingênuas. Por isso, iluminam o horizonte do leitor na tentativa de se situar no universo de Graciliano Ramos. Como a sentença de Bouffon é frequentemente aplicada ao caso Graciliano – o estilo é o homem –, José Paulo Paes, no estudo introdutório às sete cartas de amor, procura tornar a máxima menos estreita. O mito da *secura* de Graciliano Ramos é enriquecido pelo depoimento do seu contato com o autor, quando, em 1947, conheceu um Graciliano que durante uma tarde inteira conversou com o jovem José Paulo Paes. Mestre Graça “via ali o seu lado descontraído (...) ficava natural”.

O retrato assim retocado é menos incompleto. Aparece uma outra face de Graciliano, como a face revelada pelas suas cartas a Heloísa. É por isso que Paes conclui: “O escritor não é todo o homem, mas uma de suas virtualidades. No caso Graciliano Ramos, a mais rica sem dúvida, a julgar pela excelência e pela permanência das suas criações.”

Mas as cartas de amor, apesar de desconcertantes para quem guarda a imagem casmurra do romancista, também estão sincronizadas com o narrador de *Caetés*. Numa dessas cartas aparece o episódio no qual um padre, amigo de Graciliano e da família de Heloísa, revela ao pai da moça que o seu futuro genro estava escrevendo um romance. Embora só fosse publicado em 1933, *Caetés* foi escrito entre 1925 e 1928, o ano em que o autor conheceu Heloísa. E não se diga que a paixão verdadeira vivida pelo escritor não é transposta, ou recriada, de modo diverso, porém análogo, na confiança que o personagem João Valério nos faz da sua paixão por Luísa. O personagem do romance escrito por Graciliano Ramos também escreve o seu romance. Há uma importante e dissimulada relação intertextual entre as cartas e o livro de estreia de Graciliano.

Apesar disso, podemos dizer que as cartas de amor do autor de *Vidas secas* são tão surpreendentes quanto as

cartas de amor de Fernando Pessoa a Ophélia. Assim como epístolas e criação se interpenetram em Graciliano, em Pessoa as cartas ressoam nas palavras do poeta heterônimo Álvaro de Campos:

“Todas as cartas de amor são / ridículas. / Não seriam cartas de amor se não fossem / ridículas. (...)

Mas, afinal, / só as criaturas que nunca escreveram / cartas de amor / é que são / ridículas.”

PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, p. 176.

RAMOS, Graciliano. *Cartas de Amor a Heloísa*; ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro, Record, 1994.

SEIXAS, Cid. A escrita derramada de Graciliano (artigo de crítica literária). Coluna “Leitura Crítica” do jornal A Tarde, Salvador, 26 dez. 94, p. 5.